

# Javier Marías

## Tomás Nevinson



*A Carme López Mercader,  
que, longe ou perto, confinados  
ou não, alegres ou nem por isso  
— ela sempre mais alegre do que eu —,  
me acompanhou sorridente neste livro  
do início ao fim*

I

Eu fui educado à antiga, e nunca achei que um dia me ordenassem que matasse uma mulher. Nas mulheres não se toca, não se bate, não se causa dano físico e evita-se ao máximo o verbal — elas não correspondem a esta última proibição. Além do mais, devemos protegê-las e respeitá-las e dar-lhes passagem, defendê-las e ajudá-las se levarem uma criança na barriga ou nos braços ou num carrinho, oferecer-lhes um assento no autocarro e no metro, resguardá-las até ao andar na rua, afastando-as do trânsito ou do que noutros tempos se lançava das varandas, e, se um barco soçobra e ameaça ir a pique, os botes são para elas e para os seus pequenos rebentos (que lhes pertencem mais do que aos homens), pelo menos os primeiros lugares. Nos fuzilamentos em massa, perdoa-se-lhes por vezes a vida e são afastadas; são deixadas sem maridos, sem pais, sem irmãos e mesmo sem filhos adolescentes e adultos, obviamente, mas permite-se que elas continuem a viver enlouquecidas de dor como espectros sofredores, que, no entanto, vão fazendo anos e envelhecendo, acorrentados à lembrança da perda do seu mundo. Transformam-se em depositárias da memória à força, são as únicas que restam quando parece não restar ninguém, e as únicas que contam o que houve.

Enfim, foi o que me ensinaram em pequeno e tudo isso era antes, e nem sempre à risca. Era antes e na teoria, não na prática. No fim de contas, em 1793, guilhotinou-se uma rainha em França, e antes disso queimou-se incontáveis acusadas de bruxaria e a soldado Joana d'Arc, para não dar mais do que dois exemplos que toda a gente conhece.

Sim, claro que sempre se matou mulheres, mas era algo em contracorrente e que em diversas ocasiões causava pejo, não se sabe

ao certo se foi concedido a Ana Bolena o privilégio de sucumbir a uma espada e não a um tosco e atabalhoado machado, nem sequer na fogueira, por ser mulher ou por ser rainha, por ser jovem ou por ser bonita, bonita para a época segundo os relatos, e os relatos nunca são fiáveis, nem sequer os de testemunhas directas, que vêem ou ouvem turvamente e se enganam ou mentem. Nas gravuras da sua execução, ela aparece de joelhos como se estivesse a rezar, com o tronco erguido e a cabeça levantada; para lhe ser aplicado o machado, teria de ter apoiado o queixo ou a face no cepo e ter adoptado uma postura mais vexatória e mais desconfortável, e se ter arremessado para o chão, como quem diz, e ter oferecido uma visão mais proeminente das suas nádegas a quem do seu ângulo se deparasse com elas de frente. Curioso que se tivesse tido em conta o conforto ou a compostura do seu último instante no mundo, e o garbo e o decoro até, que diferença faria tudo isso para quem era já iminente cadáver e estava prestes a desaparecer da terra debaixo da terra, em dois pedaços. Vê-se também, nessas representações, o «espada» de Calais, assim designado nos textos para o diferenciar de um vulgar verdugo — trazido *ex professo* pela sua grande destreza e porventura a pedido da própria rainha —, sempre nas suas costas e oculto da sua vista, nunca à frente, como se tivesse sido combinado ou decidido que a mulher seria poupada a ver o golpe chegar, a trajectória da arma pesada que, todavia, avança veloz e imparável, como um assobio uma vez emitido ou como uma rajada de vento forte (num par de imagens, ela está de olhos vendados, embora não na maioria); que ignoraria o momento preciso em que a sua cabeça ficaria cortada de uma só cutilada limpa, e tombada no estrado virada para cima ou virada para baixo ou de lado, de pé ou de cocuruto, quem saberia dizer, ela nunca viria por certo a saber; que o movimento a apanharia de surpresa, se é que pode haver surpresa quando se sabe ao que se veio e porque é que se está de joelhos e sem manto às oito da manhã de um dia inglês de um ainda frio Maio. Está de joelhos, justamente, para facilitar a tarefa ao verdugo e não pôr em causa a sua habilidade: fizera o favor

de atravessar o Canal e de se disponibilizar, e possivelmente não era muito alto. Ao que parece, Ana Bolena insistira que bastaria uma espada, já que o seu pescoço era fino. Tê-lo-á rodeado com as mãos por mais de uma vez, em jeito de prova.

Teve direito a maior consideração, em todo o caso, do que Maria Antonieta dois séculos e meio mais tarde, à qual se conta que foi dado pior tratamento no seu Outubro do que ao seu marido Luís XVI no seu Janeiro: ele antecederá-a uns nove meses na guilhotina. O facto de ser mulher não contou para os revolucionários, ou talvez a ponderação do sexo lhes tivesse parecido anti-revolucionária em si mesma. Um tenente chamado De Busne, que lhe mostrou um certo respeito durante a custódia prévia, foi preso e imediatamente rendido por outro guardião mais desabrido. Ao rei só lhe ataram as mãos atrás das costas quando chegou ao pé do patíbulo; fez o trajecto até lá numa carruagem coberta, fechada, a do presidente da Câmara de Paris, segundo creio; e pôde escolher o sacerdote que o assistiu (um não-jurado, isto é, que não tivesse jurado lealdade à Constituição e à nova ordem que mudava diariamente e o condenava). Já à sua viúva austríaca, ataram-lhe as mãos antes mesmo do desfile, que teve de ser efectuado em carroça, mais vulnerável e exposta ao ódio desatado nas caras e aos impropérios da multidão; e só lhe ofereceram os serviços de um sacerdote jurado, que ela declinou educadamente. Dizem as crónicas que dispensou nos últimos instantes a educação que lhe faltou durante o seu reinado: subiu os degraus com tanta agilidade que tropeçou e pisou um pé ao verdugo, desculpando-se de imediato como se tivesse esse hábito (*«Excusez-moi, Monsieur»*, disse-lhe).

A guilhotina tem os seus preâmbulos de opróbrio obrigatório: os condenados não só iam de mãos atadas atrás como, já lá em cima, lhes apertavam os braços ao tronco com uma corda tensa, premonição do amortalhamento; ao ficarem rígidos e inábeis, quase imobilizados e sem poderem valer-se sozinhos, dois auxiliares tinham de os levantar como um embrulho (ou como se fazia mais tarde aos anões que eram disparados de um canhão

nos circos) e de os deslizar ou empurrar de barriga para baixo, completamente horizontais, deitados, até que o seu pescoço encaixasse no buraco a tal destinado. Nisso, Maria Antonieta equiparou-se ao marido: os dois viram-se assim coisificados no momento derradeiro, manuseados como bagagens ou balotes de lã ou como torpedos de um submarino arcaico, como fardos cuja cabeça despontava antes de desatar a rebolar de uma forma imprevisível, sem direcção nem sentido, até que alguém a travasse agarrando-a pelos cabelos, à vista da multidão. A ninguém aconteceu, em todo o caso, o que aconteceu a São Dionísio segundo um cardeal francês maravilhado de que, após martírio e decapitação durante as perseguições do imperador Valeriano, tivesse ido com a sua cabeça cortada debaixo do braço de Montmartre até ao local do seu enterro (aligeirando consideravelmente a tarefa dos transportadores), onde depois foi erigida a abadia ou igreja com o seu nome: uma distância de nove quilómetros. O portento deixava o cardeal sem fala, assegurava, embora na realidade aviasse o seu verbo, de tal maneira que foi interrompido por uma engenhosa dama que o ouvia, rebaixando a façanha com uma frase apenas: «Ah, senhor!», disse-lhe. «Nessa situação, só custa o primeiro passo.»

Só custa o primeiro passo. Talvez se pudesse dizer o mesmo acerca de tudo, ou da maioria dos esforços e do que se faz com desagrado ou repugnância ou reservas; é muito pouco o que se empreende sem nenhuma reserva, há quase sempre algo que nos induz a não agirmos e a não darmos esse passo, a não sairmos de casa e não nos mexermos, a não nos dirigirmos a ninguém e a evitarmos que os outros falem connosco, olhem para nós, nos chamem. Às vezes penso que as nossas vidas inteiras — inclusive as das almas ambiciosas e inquietas e das impacientes e vorazes, desejosas de intervir no mundo e de o governar até — não são senão o longo e adiado anseio de voltarmos a ser indetectáveis como quando ainda não nascêramos, invisíveis, sem difundirmos calor, inaudíveis; de nos calarmos e ficarmos quietos, de invertermos o percurso e desfazermos o que se fez e jamais se pode desfazer — quando muito esquecer, se tivermos sorte e se ninguém o contar; de apagarmos todas as marcas que testemunhem a nossa existência passada e, desafortunadamente, ainda presente e futura durante algum tempo. E, no entanto, não somos capazes de tentar cumprir esse anseio que nem sequer reconhecemos, ou só o são os espíritos muito corajosos e fortes, quase inumanos: os que se suicidam, os que se retiram e aguardam, os que desaparecem sem se despedir, os que se escondem realmente, ou seja, os que procuram realmente nunca mais serem encontrados; os anacoretas e eremitas remotos, os falsificadores que se desembaraçam da sua identidade («Já não sou o meu antigo eu») e adquirem outra à qual se sujeitam sem hesitações («Idiota, não penses que me conheces»). Os desertores, os desterrados, os usurpadores e os desmemoriados, os que verdadeiramente

não se lembram de quem foram e se convencem de que são quem não eram quando eram pequenos ou jovens até, ou menos ainda à nascença. Os que não regressam.

O que custa mais é matar, é um lugar-comum subscrito sobretudo pelos que nunca o fizeram. Dizem-no porque não se imaginam a si mesmos com uma pistola ou uma faca, ou com uma corda para estrangular ou uma catana; na sua maior parte, os crimes levam tempo e exigem esforço físico, se forem corpo a corpo, e implicam perigo (podem arrebatá-los a arma num forcejo e quem acaba a fazer tijolo somos nós). Mas as pessoas habituaram-se há muito a ver espingardas com mira telescópica nos filmes, às quais só é preciso apertar o gatilho para acertar e despachar o assunto, uma tarefa limpa e asséptica e com escassos riscos, e já vêem hoje como alguém opera um *drone* a milhares de quilómetros do objectivo e interrompe uma vida ou várias sentindo-o como ficção, como um acto imaginário, como um videojogo (contempla-se o resultado no ecrã) ou, para os mais arcaicos, como a pancada na grossa bola de aço num *flipper*, contra a qual combatemos. Aí, de facto, não há risco possível nem sangue que nos salpique a vista.

Também custa, supostamente, pela irreversibilidade do facto, pelo seu carácter definitivo: matar significa que já não haja mais nada no morto, que nada mais brote dele, que já não discorra nem acenda ideias, que não possa rectificar nem corrigir-se nem reparar estrago algum nem ser convencido; que deixe de falar e de agir para sempre, que já ninguém conte com ele e nem sequer respire nem olhe; que se torne inofensivo e, mais do que isso, completamente imprestável: como um electrodoméstico avariado que passa a ser um empecilho, apenas um traste que estorva e convém arredar do caminho. A maioria das pessoas acha-o demasiado drástico, excessivo, tende a pensar que há salvação para

quem quer que seja, acredita no fundo que todos podemos mudar e ser perdoados também, ou que uma peste humana terminará sem necessidade de a aniquilar. Além de que os outros dão pena em abstracto, como é que vou tirar a vida a alguém? A pena, no entanto, amaina perante o concreto, se é que não desaparece, por vezes de supetão. Se é que não a suprimimos pela raiz.

Lembro-me de um filme antigo de Fritz Lang, era de 1941, foi feito em plena Guerra Mundial, quando os Estados Unidos nem sequer tinham intervindo e parecia impossível que a Inglaterra resistisse sozinha à Alemanha, o resto da Europa a ela submetido ou às suas ordens de bom grado. E começava do seguinte modo: um homem vestido de caçador, com chapéu, calças largas, polainas, interpretado por Walter Pidgeon, aproximava-se com uma espingarda de precisão de uma saliência ou ribanceira ou precipício, num sítio frondoso da Baviera. É o dia 29 de Julho de 1939, apenas trinta e seis dias antes do início dessa Guerra, e o lugar é afinal Berchtesgaden, onde Hitler possuía uma *villa* para a qual se retirava com frequência, inclusivamente a meio da contenda, o sítio mais bem guardado da Alemanha durante as suas estadas. O caçador divisa algo do outro lado da ribanceira ou precipício — talvez seja como o fosso que resguarda um castelo —, deita-se de barriga para baixo entre as ervas e observa com os seus binóculos. Vê-se o seu rosto surpreendido e entusiasmado com o que descobriu, e ele retira então da samarra a mira telescópica e encaixa-a na arma e ajusta-a para quinhentas e cinquenta jardas, pouco mais de quinhentos metros. O que está a contemplar é o próprio *Führer* num terraço, a passear e a conversar com um subordinado, um alto oficial da Gestapo, lembro-me do seu estranho nome meio inglês, Quive-Smith, interpretado por George Sanders com um monóculo e casaco branco e calças escuras, um uniforme muito parecido com o que os procuradores falangistas ostentavam ainda nos anos setenta nas Cortes de Franco, o estilo nazi cativou-os até ao fim.

Num primeiro momento, Quive-Smith tapa Hitler, o caçador não o tem no ponto de mira e enxuga o suor da testa, nervoso.

Mas, pouco depois, o oficial vai-se embora e o maior dos criminosos fica sozinho. Agora, sim, está ao seu alcance, no alvo. O caçador leva o dedo ao gatilho e, após uma breve hesitação, dispara. Só se ouve um clique sem detonação, a arma não está carregada. Walter Pidgeon ri-se e faz-lhe um gesto de adeus com a mão, a partir da aba do chapéu. O espectador tem noção de que há um soldado armado nas imediações, que patrulha o terreno e ainda não viu o caçador escondido.

Não sei o que explicará o romance em que se baseava o filme, mas o que este mostra é que Pidgeon, após o disparo fingido, se apercebe de repente de que *pode* matar Hitler, acaba aliás de o fazer a brincar. Põe então à pressa uma bala na câmara e aponta de novo. O *Führer* continua lá, está de frente, ainda não se retirou e o seu peito mantém-se ao alcance. Quando mais tarde é capturado e interrogado, o caçador assegura a Quive-Smith ou Sanders que nunca pensou em disparar, que o desafio consistia apenas em confirmar que *podia* fazê-lo, que chegara ao seu refúgio sem ser detectado nem interceptado. Trata-se daquilo que designa por «uma perseguição desportiva». Abater a peça é uma mera certeza matemática assim que a temos ao alcance e bem focada na mira. Não há mérito em apertar o gatilho, há muito que ele renunciou a tal, mesmo com um coelho ou uma perdiz. Mas, para que a brincadeira fosse a sério e não uma simples paródia, a espingarda tinha de estar carregada. «O seu cálculo da distância é assombroso, quase sobrenatural», concede-lhe Quive-Smith, ele próprio um aficionado da caça: tal como a mira estava ajustada, conforme verificou, só lhe faltavam dez pés, uns três metros, para atingir o objectivo. «Um homem assim não pode viver», acrescenta. A observação de Sanders, no entanto, revela-se ambígua para o espectador. Pidgeon é o capitão Alan Thorndike, um caçador internacionalmente famoso, o seu interlocutor na realidade conhece-o e admira-o, sabe das suas façanhas em África. Pode-se deduzir que aquele erro mínimo de três metros era deliberado e que Pidgeon está a dizer a verdade, que nunca pensou espetar uma bala no coração de Hitler. Na verdade, não.

Tal como se desenrola, a sequência também está carregada de ambiguidade: não temos a certeza se Thorndike se cruzou com o *Führer* por acaso ou se andava à procura dele, por mais improvável que a primeira hipótese pareça. Dá a impressão, em todo o caso, de que só se lembra de o matar quando vê o caso concreto, quando se apercebe de quem tem ao seu alcance. Ou nem isso sequer, é ainda mais lento. Depois do seu simulacro, depois do clique com a arma descarregada, do adeus com a mão após tocar a aba do chapéu e do riso festivo de satisfação, o caçador faz menção de se retirar, lança-se para trás como quem cumpriu a sua missão e não lhe resta mais nada a fazer ali, naquela saliência diante da famosa mansão de Berchtesgaden. E é então que a sua expressão muda, torna-se grave e mais impaciente, como se agora lhe faltasse o tempo, mais determinada também (não muito, mas mais). É nesse momento que parece vir-lhe a ideia de que aquilo que foi um ensaio, uma pantomima, uma diversão — uma perseguição desportiva —, se pode transformar em realidade e alterar o curso dos acontecimentos. De que está na sua mão, no seu dedo, prestar um grande favor ao seu país e a meio mundo, mesmo que a 29 de Julho de 1939 ainda ninguém imaginasse quão imenso tal favor viria a ser. O que lhe aconteça a si não importa, dificilmente conseguiria escapar, só importa a excitação. Como tal, põe a bala na câmara, uma única, certo de que atingirá facilmente o alvo, de que acertará e não necessitará de um segundo disparo. Volta a acariciar o gatilho e está prestes a apertá-lo, desta vez com consequências, consequências pessoais e históricas. Num ápice, o *Führer* morto e ensanguentado, apagado da face da terra que está prestes a dominar e destruir, estendido no chão do seu terraço, imprestável, um despojo, um estorvo que suja, um resto. Seria preciso retirá-lo dali como um gato esmagado, quão pouca a distância entre o tudo e o nada, entre a vida feroz e a morte, entre o pânico e a piedade.

Não conheço o romance em que se baseou, como disse, mas o filme nunca nos esclarece a intenção definitiva de Thorndike, o caçador, pois nada está feito enquanto não estiver completamente

feito e já não for possível desfazê-lo, enquanto houver volta atrás. Uma folha voa de uma árvore e cai-lhe na mira. Mal-humorado, Pidgeon afasta-a, perde a linha de visão por um instante e retoma a sua posição. Há que voltar a seguir Hitler, há que o ter de novo nítido na mira, ou a matemática não poderá terminar o seu infalível cálculo e o gato continuará vivo e a rondar, maquinará e arranhará e rasgará. Mas agora já é tarde, uma folha que voa é o suficiente para que o tempo se acabe: o soldado que patrulha descobriu-o e lança-se sobre ele, e a única bala sai perdida, rumo a lado nenhum, no forcejo entre os dois.

Quem não teria feito o mesmo na sua situação, quem não teria duvidado e acariciado o gatilho e sentido a tentação de disparar a sangue-frio — «Sim, um assassinio, não mais do que isso», como escreveu o clássico retirando-lhe importância —, se tivesse tido Hitler a peito descoberto e ao alcance em 1939, por acaso ou por vigilância e perseguição? E mesmo muito antes dessa data, e fora da ficção. Porque isto não é ficção, ao contrário do filme de Fritz Lang: Friedrich Reck-Malleczewen não era de todo um esquerdista nem sequer era judeu nem cigano nem homossexual, teve seis filhas e um filho dos seus dois casamentos. Nasceu em 1884, era cinco anos mais velho do que o *Führer*. O pai era um político e latifundiário prussiano. Estudou Medicina em Innsbruck e serviu como oficial no Exército da Prússia, embora tivesse abandonado a carreira militar por causa da sua diabetes. Foi médico a bordo de um barco durante um breve período, em águas americanas. Instalou-se depois em Estugarda para trabalhar em jornalismo e fazer crítica teatral, e mais tarde transferiu-se para perto de Munique. Escreveu romances de aventuras para crianças, e um deles, *Bomben auf Monte Carlo*, haveria de gozar de popularidade, pois foi adaptado quatro vezes ao cinema. Por todos estes dados, dir-se-ia um homem bastante inofensivo, pouco dado ao alvoroço ou à subversão. Porém, era alguém educado, e com a mente suficientemente esclarecida para desprezar e detestar os nazis e Hitler assim que apareceram no horizonte. Daí que, em Maio de 1936, tivesse iniciado um diário secreto, melhor ainda, clandestino, que conseguiu escrever até Outubro de 1944, apesar de ter tido o cuidado, logo a partir de 1937, de o manter escondido num bosque e de mudar o esconderijo com frequência:

se por acaso as autoridades o espiassem e vigiassem, a sua descoberta acarretar-lhe-ia a morte. Só viu a luz postumamente, em 1947, com o título *Diário de Um Desesperado*, e foi pouca a atenção que então lhe foi prestada na sua língua, talvez fosse cedo ainda para recordar o que terminara recentemente. Quase vinte anos mais tarde, em 1966, foi reeditado em capa mole, o que deu azo a que fosse traduzido em 1970 para inglês como *Diary of a Desperate Man*; foi nessa língua que o li.

Reck-Malleczewen considerava os nazis «uma horda de símios cruéis» dos quais se sentia prisioneiro, e, embora fosse católico desde 1933, admitiu o ódio incessante em todo o seu ser: «A minha vida neste buraco iniciará em breve o seu quinto ano. Durante mais de quarenta e dois meses, pensei ódio, deitei-me com ódio no coração, sonhei ódio e acordei com ódio», escreveu. Viu Hitler em pessoa em quatro ocasiões. Numa delas, «atrás da sua barreira de mamelucos», não lhe pareceu um ser humano, mas «uma figura saída de um conto de fantasmas, o próprio Príncipe das Trevas». Noutra, ao ver «o seu cabelo oleoso a cair-lhe para a cara enquanto protestava» numa tasca sem o deixar comer a sua salsicha e a sua costeleta em paz, viu nele «o aspecto de um homem que tentasse seduzir a cozinheira» e causou-lhe uma impressão de «estupidez fundamental». Quando Hitler se foi embora e lhe fez uma inclinação de despedida, fez-lhe lembrar «um *maître* no acto de apanhar uma gorjeta furtiva e fechar em torno dela o punho». Acerca dos seus olhos «melancólicos e pretos como breu», disse que eram «como duas passas injectadas na cara de lua cinzento-escória, gelatinosa». Na primeira vez, logo em 1920, após ouvir da sua boca uma inflamada diatribe numa casa privada para a qual mais ou menos se fizera convidado, ele e as suas amizades, uma vez livres do improvisado orador (a criação alarmara-se ao achar que bramava contra os anfitriões e estava prestes a agredi-los), tiveram de abrir uma janela a toda a pressa para que o ar fresco dissipasse «a sensação de consternação e de opressão», e Reck aponta que «não era como se a divisão tivesse sido contaminada por um corpo sujo que lá tivesse estado,

mas por algo mais: pela essência suja de uma monstruosidade». Apesar da sua meteórica ascensão, nos vinte anos decorridos entre essa primeira vez e a última, «a minha visão dele permaneceu inalterável. A verdade é que carece do menor gosto por si mesmo, odeia-se essencialmente a si mesmo».

A citação que vem ao caso é também, como as anteriores, de 11 de Agosto de 1936 (longa entrada, a desse dia), e Reck-Malleczewen evoca nela um dia impreciso de 1932 em que se cruzou num restaurante muniquense, a Osteria Bavaria, com Hitler, que estranhamente chegou sozinho, sem os seus caceteiros e guarda-costas (era já uma celebridade por essa altura), atravessou a sala de refeições e sentou-se na mesa contígua à que ele e o seu amigo Mücke ocupavam. Ao sentir-se observado, examinado criticamente por eles, «ficou irritado e o seu rosto adoptou a expressão esquiva de um burocrata de baixa categoria que se aventurou num local no qual não entraria normalmente, mas que, uma vez lá, exige ser servido e tratado pelo seu dinheiro até ao mais pequeno pormenor tão bem como aqueles cavaleiros ali...». As ruas já eram pouco seguras nesse mês de Setembro, acrescenta Reck, pelo que trazia sempre consigo uma pistola carregada quando dava um salto à cidade. E este católico por convicção, este pacífico pai de sete filhos, este autor de livros infantis e juvenis, este homem educado e burguês e setentrional, escreve o seguinte sem que lhe trema ou vacile a caneta: «No restaurante quase deserto, poderia ter-lhe espetado um tiro com facilidade. Se tivesse tido a menor suspeita do papel que aquela imundície ia desempenhar, e dos anos de sofrimento que ia infligir-nos, tê-lo-ia feito sem pensar duas vezes. Mas vi-o como uma personagem saída de uma banda desenhada, pelo que não o alvejei.»

O 11 de Agosto de 1936 ainda vira muito poucos sofrimento e horror em comparação com os que vieram depois, e mesmo assim Reck-Malleczewen pensa que não teria hesitado em matar a sangue-frio um homem ridículo que se preparava para almoçar sozinho em 1932, tivesse então sabido o que sabia quatro anos mais tarde e oito e tal antes de morrer, aos sessenta anos, no campo

de concentração de Dachau. Nessa data do seu diário, quando Hitler já está completamente fora do seu alcance e do de quase todos os mortais, consola-se da oportunidade perdida na Osteria Bavaria com um ataque de fatalidade que se revela premonitório: «Não teria valido de nada, de qualquer forma: nos conselhos do Altíssimo, o nosso martírio já tinha sido decretado. Se naquele momento tivéssemos apanhado Hitler e o tivéssemos amarrado à ferrovia, o comboio teria descarrilado antes de o alcançar. Correm muitos boatos sobre tentativas de o assassinar. As tentativas fracassam, e continuarão a fracassar. Parece há anos (sobretudo nesta terra de demónios triunfantes) que Deus está a dormir.» Muito desesperado tinha de estar um cristão conservador para atirar à cara do seu Deus que não tivesse coroado de êxito os atentados dos homens contra uma das suas criaturas, sem esperar pelo Juízo Final. Que não tivesse permitido, que digo eu, que não tivesse propiciado um assassinio aleivoso e premeditado.

Reck-Malleczewen, que descendia de uma longa linhagem de militares ou assim afirmava, foi finalmente detido a 13 de Outubro de 1944, acusado de «minar o moral das forças armadas» por ter alegado uma angina de peito ao ser chamado para as fileiras das patéticas milícias civis improvisadas por Goebbels com adolescentes e velhos perante o avanço russo no Leste (crime que acarretava pena de morte na guilhotina), de responder «Louvado seja Deus» em vez do exigido «*Heil Hitler!*» (até as putas estavam obrigadas a gritar isto duas vezes por sessão, nos prolegómenos e em cada orgasmo fingido) e de uma outra gravíssima ninharia qualquer. Após passar uns dias na prisão a temer o pior, e realizar um simulacro de audiência oral, foi libertado graças à inexplicável intercessão de um general das SS que o repreendeu suavemente do alto dos seus dez anos de idade inferior (ele fizera já sessenta), e ao qual o diarista se refere nas suas últimas anotações como «General Dtl». Regressou assim a sua casa e foi a tempo de consignar esta experiência às suas secretíssimas páginas. A descoberta destas tê-lo-ia, essa sim, conduzido à forca ou à guilhotina sem delongas nem remissão.

Mas voltaram a detê-lo em 31 de Dezembro, algo que já não pôde contar no seu diário, com a acusação ainda mais grotesca de «menosprezo pela divisa alemã», aparentemente por uma carta ao seu editor em que se queixava de que a elevada inflação estava a minuar os seus ganhos a título de direitos de autor. Desta vez o misterioso «Dtl» não apareceu e ele não foi libertado, e em 9 de Janeiro de 1945 foi transferido para Dachau, lugar de enorme insalubridade onde muito depressa adoeceu. Um preso holandês que coincidiu com ele deixou um testemunho em que o descreve como um idoso lamentável e confuso, enfraquecido pela fome e trémulo de nervosismo, que não aprendera nada com os acontecimentos que vivera. Desse mínimo retrato, alojou-se-me na memória um pormenor trivial, que são os que lembramos melhor: vestia umas calças que lhe ficavam curtas e um casaco militar verde italiano ao qual faltava uma manga.

Uma certidão de óbito afirma que Friedrich Reck morreu de tifo a 16 de Fevereiro, embora uma outra fonte assegure que o que lhe aconteceu nessa data foi levar um tiro na nuca, porventura aquele que poupou à imundície, ao burocrata de baixa categoria, em Setembro de 1932. O tiro do qual se salvou aquele Hitler esfomeado por ter parecido uma personagem anedótica ao seu preguiçoso e displicente executor.

Não se pode ser preguiçoso nem displicente, não se pode desaproveitar a ocasião porque o mais habitual é que mais nenhuma se apresente, e acabemos quiçá a pagar com a própria vida o escrúpulo ou a dúvida ou a piedade, ou o receio de pormos uma marca indelével a nós mesmos — «eu já matei» —, o ideal seria ter a presciência do que cada indivíduo vai fazer e em que é que se vai transformar. Mas, se não conhecemos de ciência certa o que aconteceu, como poderíamos guiar-nos pelo que está para vir? Se foi impossível a Reck-Malleczewen disparar contra o *Führer* no restaurante, quão mais impossível teria sido atropelar um menino austríaco chamado Adolf à saída da sua escola de Linz ou de Steyr, ou atirá-lo a um rio num saco bem fechado e carregado de pedras — sim, como se fosse um gato enjeitado — quando nem sequer era aluno, ou asfixiá-lo com uma almofada na sua alcofa ou no seu berço, na aldeia de Braunau onde nasceu, tendo a oportunidade e a idade. Não se teria atrevido a considerar a possibilidade por mais «suspeitas» que lhe tivessem surgido, nem que «os conselhos do Altíssimo» lhe tivessem proporcionado a visão inteira do que o infante ia trazer e espalhar. Matar uma criança ou um bebé de um local minúsculo e obscuro da Áustria, fronteiriço com a Alemanha, do qual até lhe custaria sair; aduzir que, se vivesse, exterminaria milhões e subjugaria e ensanguen-taria a terra como nunca ninguém o fizera: toda a gente o teria tomado por louco e iluminado, por assassino aberrante, ele próprio se teria tomado por tal, embora tivesse contemplado o panorama e conhecido o horror que aquela criatura indefesa albergava no interior das suas veias e se propunha desencadear a partir de Munique, Nuremberga e Berlim.

Mas percebe-se já que matar não é tão extremo nem tão difícil nem injusto se se souber quem, que crimes cometeu ou anuncia que vai cometer, quantos males se poupará às pessoas com isso, quantas vidas inocentes serão preservadas a troco de um único disparo, um estrangulamento ou três navalhadas, algo que apenas dura uns segundos e depois pronto, acabou-se, já terminou e segue-se em frente — segue-se quase sempre em frente, longas são por vezes as existências e nunca nada pára inteiramente —; há casos em que a Humanidade respira aliviada e, além do mais, aplaude, e sente que lhe tiraram um gigantesco peso de cima, se sente agradecida e leve e a salvo, risonha e livre por causa de um assassinio, transitoriamente feliz.

E, ainda assim, o primeiro passo custa: nem Thorndike na ficção nem Reck na realidade apertaram o gatilho quando estavam a tempo, e os dois sabiam já sobejamente que eliminariam algo malvado e insano, uma pestilência, uma putrefacção com «cara de lua cinzento-escória», um corpo de consternação e opressão, «a essência suja de uma monstruosidade». Sim, estavam cientes disso, mas não acontecera ainda o inimaginável pior. Nunca aprendemos, e é preciso que o ominoso se cumpra sobejamente para nos decidirmos a agir, que o horror esteja em marcha e seja já irremediável para tomarmos uma determinação, ver o machado levantado no ar ou caído sobre os pescoços para trespassar quem o empunha, confirmar que os que pareciam verdugos são de facto verdugos, e ademais estão a executar-nos a nós. O que ainda não aconteceu carece de prestígio e de força, o previsto e o iminente não chegam, a clarividência é sempre ignorada, é necessário que tudo seja corroborado pelos terríveis factos, quando é tarde e não têm conserto nem podem ser desfeitos.

E o que então se impõe, paradoxalmente, são o castigo ou a vingança, que custam ainda mais e são de cariz muito diferente; porque já não se trata de evitar uma calamidade vindoura nem quiçá mais abominações, o que ajuda sobremaneira a justificar o assassinio, a acção de matar (ajuda a ideia de esconjurar a reincidência, de impedir a reiteração, de travar novas desgraças). Não,

aqui é possível que quem tenha cometido um crime, ou tenha incorrido em traição ou em delação, não faça tenções de alguma vez voltar a fazer mal a outra pessoa; que não seja um perigo permanente e que a sua conduta punível fosse um produto do medo ou da fraqueza ou da perturbação, uma excepção. Quando se trata de vingança, o que leva a aniquilar esse indivíduo é o rancor, a necessidade de ressarcimento, o ódio perseverante ou a incontrolável dor; quando se trata de castigo, é antes um aviso frio aos restantes, o desejo de dar o exemplo, de ensinar uma lição, de deixar bem claro que aquilo tem consequências e não vai ser permitido. É assim que as máfias operam, incapazes de perdoar uma falta ou uma dívida mínimas, para que não haja um mau precedente, para que toda a gente compreenda que nunca se pode ser desrespeitoso com elas, que não se pode roubá-las nem mentir-lhes nem traí-las, que é preciso temê-las. E é assim que actuam também o Estado e a sua justiça, no fim de contas, com a sua cerimónia e a sua solenidade, ou sem elas quando é preciso e tudo deve ser feito em segredo: afugentam o crime de outros, dissuadem-nos através da condenação do ousado que os antecedeu. Ou do ufano, ou do optimista, ou talvez do ingénuo que tenha tentado a sua sorte e a eles se tenha antecipado.

A minha missão era dessa índole, um castigo ou uma vingança, não o acto de evitar um crime individual nem uma matança (não, pelo menos, de forma imediata), pelo que me custaria mais levá-la a cabo. E, se se tratava de uma vingança, não era minha. Tinha-me sido delegada, eu recebera ordens para a pôr em prática, e nas estruturas hierárquicas habituamo-nos a obedecer às ordens sem as questionar — na realidade, prestamo-nos a isso desde o início: comprometemo-nos —, por muito que abriguemos dúvidas ou nos causem repugnância (somos sempre livres de as sentir, mas não nos cabe manifestá-las nem aduzi-las). Hoje, julga-se alegremente até ao último peão da história, e os que o fazem ignoram ou passam ao lado do que teria acontecido a esses peões se tivessem recusado cumpri-las. Teriam tido a mesma negra sorte que as suas vítimas, sobretudo em tempo de guerra, e teriam sido substituídos sem o menor piscar de olhos: outro peão teria ocupado o lugar e executado a tarefa, o resultado teria sido o mesmo, há mortes que já estão «decretadas» no céu ou no inferno, tal como disse Reck-Malleczewen sobre o martírio dos alemães. Da pausa, da paz ou da trégua, do presente que olha com desdém para todo o passado, do agora que se acha superior a qualquer antes, é fácil proclamar com soberba «Eu ter-me-ia recusado, eu ter-me-ia revoltado», e sentir-se assim íntegro e puro. É fácil execrar e condenar quem estrangulou ou apertou o gatilho ou espetou as navalhadas, e ninguém pára para pensar em quem foi eliminado ou quantas vidas foram salvas com isso, ou quantas ceifara a pessoa assassinada ou quantas causaria com as suas instigações ou inflamações, com as suas prédicas e as suas pragas morais, vai dar ao mesmo ou pior (quem

só fala e atíça não se mancha de sangue, encomenda a sujidade aos persuadidos, instila-lhes veneno e isso basta para os pôr em marcha e conseguir que se excedam selvaticamente), embora isso nem sempre seja assim considerado.

Eu estava havia algum tempo retirado ou «queimado», como se costuma dizer de quem foi útil e deixou de o ser, de quem se expôs ao longo de anos e se desgastou com eles, ou então de quem não teve outro remédio senão ficar parado e perdeu assim as suas faculdades, os seus reflexos ou capacidades, ou pelo menos ficaram enferrujados. Tinha sido dispensado e eu concordara. Algo que coincidira com a minha descoberta de um engano original (o que me meteu nesta vida e neste trabalho, demasiado novo para me opor) a cargo daquele que foi o meu recrutador e o meu chefe mais visível, Bertram Tupra, posteriormente Bertie, também designado como Reresby e Ure, Dungas e Nutcombe e Oxenham e outros nomes que ignoro, da mesma forma que eu utilizei uns quantos no meu longuíssimo período de actividade, fui Fahey e MacGowran, e Avellaneda e Hörbiger e Riccardo Breda, Ley e Rowland e Cromer-Fytton muito brevemente, e um ou outro apelido que se me apagou na memória, há-de surgir-me se fizer um esforço, pois todo o mal volta e a minha errância encheu-se de males dos quais vim depois a ter saudades uma vez terminados, tal como se tem saudades de tudo o que já não existe e existiu, a alegria e a tristeza, o entusiasmo, o sofrimento, o que nos obrigou a avançar e nos abandona.

Regressara a Madrid, às minhas remotas origens e à minha mulher e aos meus filhos, cuja infância perdera e em cuja primeira juventude me incorporava com cautela, como que a pedir-lhes autorização. Ela, milagrosamente, não me rejeitara por inteiro após uma ausência continuada de uns doze anos, não só ausência como também silêncio: enquanto andei escondido, não podia arriscar-me a ser detectado se estabelecesse contacto com ela, convinha que toda a gente me julgasse morto e, portanto, fora de jogo e inalcançável, e foi isso que Berta chegou a crer com afínco embora sem certezas, isto é, intermitentemente. De forma

ainda mais milagrosa, e apesar de se considerar viúva em vias de o ser ou *de facto* e depois viúva oficial e ainda mais livre se possível fosse, não voltara a casar-se nem a juntar-se com ninguém que tivesse durado, pelo que não me sepultara nas profundezas nem me substituíra cabalmente, embora a palavra «substituição» já não se aplicasse. Não por falta de vontade ou de propósito, teria seguramente levado a cabo as suas tentativas, mas por uma ou outra razão essas relações não tinham dado certo, relações sobre as quais nunca lhe fiz perguntas, não me julgava sequer com direito à curiosidade e, além do mais, não me diziam respeito, como a ela também não o que eu tivesse construído durante as minhas andanças, tivera até uma filha que deixara para trás em Inglaterra. Não tornei a vê-la nem revelei a sua existência a quem quer que fosse, ainda que o seu nome e o seu rosto, que para mim já não varia e será sempre o de uma menina pequena, me apareçam frequentemente nos devaneios ou em sonhos, o seu nome é Valerie ou Val. Valerie Rowland, suponho, se a mãe não lho mudou como castigo póstumo pela minha partida, James Rowland foi, ao fim e ao cabo, um fantasma temporário, passageiro, dos que não se demoram em nenhuma escala, e só consta em documentos falsos.

Berta e eu não vivíamos agora juntos — é difícil depois de tanta separação e tão prolongada morte aparente, habituamo-nos a que ninguém seja testemunha dos nossos acordares e dos nossos hábitos —, mas pertíssimo, ela na nossa antiga casa comum na Calle de Pavía, e eu do outro lado do Teatro Real, na Calle de Lepanto, não era sequer preciso mudar de passeio para ir de um sítio ao outro. E era-me permitido dar um salto a sua casa e permanecer lá de vez em quando como uma visita de confiança, ficar até para jantar com os miúdos ou sem eles, e Berta e eu até íamos para a cama de tempos a tempos, como vão por vezes para a cama os transactos amantes, mais por familiaridade ou adiado afecto do que para reviver paixões, e porque não é preciso afadigar-se com indecisos cortejos nem com sedução árduas. Não descartava que ela me expulsasse e me substituísse agora por outro homem,

um belo dia, amanhã, tinha uma vida em que eu não entrava e não se sentiria menos livre pelo meu regresso. No que me dizia respeito, nesse campo, a verdade é que não punha a hipótese de começar algo novo. Era como se os meus longos anos de utilitarismo com as mulheres me tivessem deixado sem um interesse profundo por elas (demasiado tempo a vê-las como um instrumento), insensível a tudo o que não fosse fisiológico e mecânico, um mero alívio. Sentimentalmente atordoado e seco. Contemplava essas fantasias — notava-as nos meus filhos, mais em Elisa do que em Guillermo — como algo existente, mas acalentado pelos outros, aos quais eu pertencera num tempo longínquo e ingênuo, numa vida tão diferente que me parecia imaginária e tinha dificuldade em reconhecer como minha. Ainda não fizera quarenta e três anos quando voltei a Madrid em 1994, creio eu, baralho cada vez mais as datas; mas era como se tivesse cem nesse aspecto, ou, pior ainda, como se estivesse do lado daquele género de mortos que ainda teimam em não desaparecer nem virar costas. Refiro-me unicamente às emoções e às expectativas, não ao aspecto sexual, não ao instintivo. Ou talvez no fundo estivesse tão contente de ter recuperado algo com Berta (um arremedo, uma paródia, uma pintura, uma sombra, ia dar ao mesmo), que não me passava pela cabeça esperar algo mais nem olhar além dos seus olhos e da sua figura. Na altura, não me atrevia a expressá-lo nestes termos tão claros, mas era o mais provável.

Ah, sim, tinha sido dispensado e eu concordara, ou tinha sido recíproco. Eu desenganara-me e fartara-me e anunciara a minha defecção ou a minha deserção ou lá como se designa essa figura no MI6 e no MI5 e nos Serviços Secretos de qualquer República ou Reino, e eles consideraram-me amortizado, davam-se como servidos: «Não sentiremos tanto a tua falta como há uns anos, já estás inactivo há muito tempo e nunca nada te impediu de ires embora», tinha sido a resposta de Bertram Tupra, um homem em geral simpático e despreocupado, e indiferente graças a isso, julgo eu. Fazia o que queria e não dava importância a nada, um desses indivíduos que põem o casaco sobre os ombros e avançam fazendo-o flutuar ou voar como um manto, sem se preocuparem se as abas, soltas e descontroladas, açoitam alguém ao passar. Deixava um rasto de vítimas acidentais e nunca virava a cara para lhes lançar uma olhadela. Partia do princípio de que o estilo do mundo era esse, ou pelo menos o da parte do mundo onde o seu trabalho se desenrolava.

Não esperava voltar a vê-lo, nem ouvir de novo a sua voz, quando me despedi dele em Londres sem querer apertar-lhe a mão que me ofereceu sem problemas (quem enganou ou ofendeu não costuma colocar nenhum; aliás, pretende com frequência que isso não seja tido em conta, pois diminui os seus próprios agravos e acumula e engrandece os dos outros). Afastou-a airoso e acendeu um cigarro, como se nunca ma tivesse estendido; não queria saber da minha atitude depreciativa, da minha desfeita. Eu estivera duas longas décadas às suas ordens, se iria deixar de o estar ficaria cancelado, apagado, passaria a ser um anódino civil, ou, pior do que isso, um desconhecido cujo

comportamento nem sequer mereceria ser atendido, menos ainda perscrutado. É preciso apenas vigiar de esguelha um agente retirado, para que não dê com a língua nos dentes e não relate o que não deve, o que não pode. A consciência da proibição é quase sempre suficiente para o dissuadir, embora alguns se dediquem e se apliquem a autodestruir-se: embebedam-se, drogam-se, deprimem-se, arrependem-se e procuram expiação ou castigo, entregam-se ao jogo e contraem dívidas impossíveis de saldar, refugiam-se nas religiões tradicionais ou noutras novas de pacotilha, todas absurdas; ou então pavoneiam-se, precisam de mostrar que fizeram algo valioso na vida, não suportam que as suas proezas não constem de nenhum registo, o secretismo da sua existência acaba por lhes pesar. Pensam que os segredos só têm sentido se num dado momento deixarem de o ser, e que têm de os revelar pelo menos uma vez, antes de morrerem. E é frequente que, quando estamos para morrer (e há muitos que assim se acham várias vezes antes de tempo), as consequências dos nossos últimos ditos e feitos sejam completamente indiferentes, hoje em dia confia-se muito pouco nos elogios fúnebres ou em como seremos lembrados. Sabe-se que na realidade já ninguém é lembrado para lá das primeiras horas compungidas, em que há mais impressão e pânico do que recapitulação e rememoração.

Foi, portanto, uma enorme surpresa quando ele me telefonou para o meu trabalho na embaixada de Madrid, à qual regressara sem complicações após a minha ausência de tantos anos. A um cargo mais distinto, aliás: vantagens dos meus sacrifícios passados. A minha memória continua a ser boa, embora não seja a que era quando me mantinha activo e desfiava mentiras e identidades falsas que tinha de afirmar sem contradições nem descuidos. E, assim, esquecera-me por completo de algo que ouvira da boca do professor Peter Wheeler quando eu era novíssimo e estudava em Oxford e voltava a Madrid para as férias, com a minha família e a minha namorada, que já então era Berta. Wheeler foi o primeiro a ver a minha utilidade e a sondar-me para os Serviços, a adivinhar grandes possibilidades na minha capacidade

de aprender e falar línguas e imitar dicções e sotaques — era um dom, de acordo com toda a gente, embora essa seja uma palavra solene para quem o tem desde a infância. Foi também ele quem me pôs em contacto com Tupra, colocou-se acto contínuo à margem e depositou-me efectivamente nas suas mãos, como o cão que traz a peça ao dono. Nessa vez da sondagem, e sendo mencionados os boatos que corriam sobre as suas antigas actividades como espião durante a Segunda Guerra Mundial, e como ainda dava agora uma mão quando tal lhe era solicitado — porventura na captação de talentos, de alunos que se destacassem por algum motivo excepcional —, dissera o seguinte: «São os Serviços Secretos que mantêm contacto connosco, depois de lá termos estado. Pouco ou muito contacto, conforme queiram. Não os abandonamos, seria como cometer uma traição. Estamos e esperamos sempre.» Quando a minha memória recuperou esta última frase, surgiu-me em inglês, a língua em que ele e eu falávamos principalmente: embora fosse um brilhante hispanista e lusitanista, sentia-se mais à vontade nela e conseguia ser mais preciso. «*We always stand and wait.*» Parecera-me na altura uma citação ou uma referência a algo, e tenho agora erudição suficiente para me dar conta, ao recordá-la, de que era uma alusão a um verso famoso de John Milton, embora no seu poema os dois versos tenham um sentido muito diferente do que Wheeler lhes deu naquele contexto, nessa tarde em sua casa, acrescentando: «Há anos que mal recorrem a mim, mas sim, às vezes acontecem umas trocas. Não nos retiramos, se ainda pudermos servir-lhes. Servimos o país dessa maneira, e não nos transformamos em desterrados.» Eu notara no seu tom de voz um misto de tristeza, orgulho e alívio.

Já eu julgava ter-me retirado cabal e definitivamente. Julgava-me livre, inútil, descartado, desterrado e até um pouco pestilento após o meu regresso à minha primeira nação, Espanha, sem me aperceber de que todas as manhãs, quando ia para o trabalho e para o meu gabinete, me transferia para território britânico; ao fim e ao cabo recebia as minhas ordens e o meu salário do Foreign

Office, e dera preferência à minha segunda nação durante muitos anos: militara nas suas fileiras com paixão e sem escrúpulos, e dela passara a ser um patriota, algo que nunca tinha sido da primeira, longamente contaminada pelo franquismo. E, se não me tivesse esquecido daquelas palavras antediluvianas de Wheeler, a voz de Tupra não me teria apanhado tão desprevenido, ou melhor, não me teria surpreendido de todo. Porque foi isso que o telefonema foi: a lembrança de que nunca ninguém se tornava pestilento nem se deixava que ninguém se fosse embora por completo se ainda pudesse prestar serviço ao país, à causa, contribuir para o que ele designava como «a defesa do Reino», algo tão amplo e difuso que qualquer coisa cabia lá dentro, até o que nada tinha a ver, aparentemente, com o seu país nem com o seu largo Reino minguante. «Não os abandonamos, depois de lá termos estado. Não nos retiramos, são eles que mantêm contacto conosco, pouco ou muito, conforme queiram.» O que Wheeler dissera era que os Serviços Secretos prescindiam dos seus activos quando lhes convinha ou os queimavam ou se transformavam em estorvos, mas não o contrário. Se voltassem a precisar deles, voltavam a recrutá-los, por assim dizer; convocavam-nos ou reintegravam-nos com um estalar de dedos, ou pelo menos tentavam.

Ao dar voltas ao assunto nessa noite, após ter combinado com relutância um encontro com Tupra para os dias seguintes, pensei como os nossos organismos eram tão parecidos com as máfias, nas quais entramos e das quais podemos ser expulsos — normalmente a expulsão é total, costuma levar a reboque a expulsão do mundo e da vida —, mas das quais não saímos voluntariamente; e, se sairmos por mútuo acordo, como tinha sido o meu caso, acabamos por descobrir que só estávamos de licença ou com uma sabática, pelo tempo que uma ou outra se prolongassem. Aqueles a quem servimos têm informação ilimitada sobre o nosso passado, conhecem os factos que levámos a cabo por indicação sua, e possuem assim a capacidade de os distorcer ou de os apresentar a uma luz incriminatória e feia. Basta introduzir um pouco de verdade na mentira para que esta

se revele não só credível como irrefutável. Estamos nas mãos de quem nos conhece de outrora, os que mais podem prejudicar-nos são os que nos viram em jovens e nos moldaram, já para não falar dos que nos contrataram e pagaram, ou se portaram bem e nos fizeram favores. Ninguém escapa a isso, ao que sabe que sofreu ou que fez, aos ultrajes de que foi alvo, aos medos não superados e aos ressarcimentos que fomos cobrando na presença de testemunhas ou com a sua vital ajuda. É por isso que muitos detestam e não suportam os seus antigos benfeitores, e encaram quem os tirou de uma alhada ou da miséria, ou os salvou até da morte, como o seu maior perigo e o seu maior inimigo: são os últimos com quem desejam cruzar-se. Tupra era, sem dúvida, o meu maior inimigo, a pessoa que mais fizera por mim e contra mim e mais conhecia a minha trajectória no mundo, infinitamente mais do que Berta, do que os meus pais falecidos, do que os meus filhos vivos, esses ignoravam tudo. E Bertram Tupra era, para mais, um artista da calúnia.

## **Depois do aclamado *Berta Isla*, chega *Tomás Nevinson*, uma intriga envolvente, ambientada num universo de espões, segredos e dilemas morais.**

«Eu fui educado à antiga, e nunca achei que um dia me ordenassem que matasse uma mulher. Nas mulheres não se toca...»

Dois homens — um deles na ficção, o outro na vida real — tiveram oportunidade de assassinar Hitler antes que ele desencadeasse a Segunda Guerra Mundial. Um mal menor teria impedido um mal maior. Se é legítimo pensar que aqueles dois homens deveriam ter disparado sobre o *Führer* para evitar a morte de milhões, até que ponto podemos decidir quem merece viver ou morrer?

Tomás Nevinson, marido de Berta Isla, cai na tentação de regressar aos Serviços Secretos após uma temporada de ausência, e é incumbido de se deslocar a uma cidade do Noroeste de Espanha para identificar uma pessoa que, nos anos oitenta, participara em atentados do IRA e da ETA.

Qual espião que procura a verdade, Javier Marías constrói uma intriga inquietante, uma reflexão profunda acerca do alcance e das consequências das nossas acções. Quão longe podemos ir para evitar o triunfo do mal? E, num universo de claro-escuro, como podemos estar certos do que é o mal?

*Tomás Nevinson* é o retrato do que acontece a alguém a quem já tudo aconteceu, o retrato de um homem que tenta mudar o curso da História e acaba desterrado do mundo.



**«*Tomás Nevinson* será talvez o melhor romance  
que Javier Marías já publicou.»**

**JOSÉ-CARLOS MAINER, *El País***



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

f alfaguaraeditora

@ penguinlivros

ISBN: 978-969-589-422-2



9 789895 894222